

## A VEROSSIMILHANÇA DA CRÔNICA “FUGA” DE FERNANDO SABINO FRENTE A CONFIGURAÇÃO FAMILIAR CONTEMPORÂNEA

*THE LIKELIHOOD OF THE CHRONIC “FUGA” BY FERNANDO SABINO FRONT OF  
THE CONTEMPORARY FAMILY CONFIGURATION*

Leonilda Paciente Luz<sup>1</sup> 

Epaminondas de Matos Magalhães<sup>2</sup> 

Recebido: 15/04/2021

Aceito: 04/05/2021

**Resumo:** O presente artigo busca discutir os conflitos entre gerações, no contexto de novas configurações familiares na modernidade, a partir da análise da crônica “FUGA” de Fernando Sabino (1995). Utilizou-se como base metodológica a observação analítica dos discursos dos sujeitos históricos na representação de seus papéis institucionais (pai/adulto e filho/criança). A partir de pressupostos teóricos e na forma como o gênero textual se articula no contexto e nos espaços da relação de poder intrafamiliar. Para tanto, foram consideradas as teorias: Análise do Discurso, Orlandi (2007) Texto e Discurso; Foucault (2004) Relação de poder; Candido (2002) O poder humanizador da Literatura; Freire (1997) Texto/Contexto/Resistência; Zilberman (2001) Leitura. A análise utilizou-se da relação da Crônica com outro gênero textual: O conto *João e Maria*, dos irmãos Grimm (2020), para explorar o tema tratado de forma mais profunda, possibilitando a ampliação de percepções na medida em que cria a possibilidade de deslocamentos e criação de novos sentidos.

**Palavras-chave:** Família; Conflito; Diálogo.

**Abstract:** This article search discuss conflicts between generations, in the context of new family configurations in modernity, based on the analysis of the chronicle “FUGA” by Fernando Sabino (1995). The analytical observation of the speeches of historical subjects was used as a methodological basis in the representation of their institutional roles (father/ adult and son/kid). Based on theoretical assumptions and the way textual genre is articulated in the context and spaces of the intra-family power relationship. For this purpose, the theories were considered: Discourse Analysis, Orlandi (2007) Text and Discourse; Foucault (2004) Power relationship; Candido (2002) the humanizing power of Literature; Freire (1997) Text/Context/Resistance; Zilberman (2001) Reading. The analysis used the Chronicle's relationship with another textual genre: The tale John and Mary, by the brothers Grimm (2020), to explore the theme dealt with in a deeper way, enabling the expansion of perceptions as it creates the possibility of displacement and creation of new meanings.

<sup>1</sup> Mestranda pelo Programa de Pós-Graduação em Letras: Estudos Literários da Universidade Estadual de Mato Grosso – UNEMAT. Porto Alegre do Norte, Mato Grosso, Brasil. E-mail: pacienteluzl@gmail.com

<sup>2</sup> Doutor em Letras pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS), graduado em Letras pela UNEMAT. Professor do Instituto Federal de Mato Grosso, atua como docente permanente dos programas de Pós-Graduação Mestrado em Ensino do IFMT e Estudos Literários (PPGEL) da UNEMAT. Vila Bela da Ss. Trindade, Mato Grosso, Brasil. E-mail: epaminondas.magalhaes@plc.ifmt.edu.br

**Keywords:** Family; Conflict; Dialogue.

## 1 Introdução

O presente trabalho consiste em discutir os conflitos entre gerações, no contexto de novas configurações familiares na modernidade, a partir da análise da crônica “Fuga” de Fernando Sabino (1995), a qual se desenvolve em um diálogo com outros gêneros textuais para explorar o tema, que tem como foco a relação de poder construída historicamente nas representações dos papéis sociais de pai e filho.

Assim, a crônica ora analisada demonstra sob a perspectiva do discurso, a relação estabelecida entre os sujeitos sociais que são historicamente e ideologicamente constituídos. Nesse contexto a família é a mais antiga das instituições humanas e constitui-se como um elemento chave para a compreensão e funcionamento da sociedade. Nesse sentido, compreende-se que os sujeitos pertencem a gerações distintas, que são marcadas em um dado momento da história.

Após estas considerações, destacamos a importância desse tema, visto que ele demanda e promove uma análise sobre como as relações de poder se estabelecem, e que ao observá-las é possível dizer que a instituição familiar não é ontologicamente inquestionável, nem intocável e que pode sim, ser responsabilizada por atos que ferem a garantia à dignidade humana.

Todas as demandas sociais que são abordadas nesse artigo, representam situações vivenciadas por grande parte das famílias. Assim, as questões que são levantadas na crônica não têm a pretensão de censurar, mas sim, em problematizar o tema do “poder sobre o outro”, no sentido de promover reflexões sobre como garantir os direitos infantis contra a discriminação, abusos, exploração, violência, crueldade e opressão.

Em uma sociedade patriarcal os pais se consideram donos dos filhos, podendo ignorá-los, deixá-los sozinhos, espancá-los e até matá-los. Por que tanta violência contra criança? Será que falta amor, falta tempo para se dedicar aos filhos? Uma coisa é certa, a violência começa quando falta a comunicação pela qual se estabelece um diálogo entre os sujeitos que pertencem a um grupo, independentemente de qual seja a sua configuração familiar, nada pode justificar a conduta de desrespeito a integridade física, psicológica e emocional infantil.

Pode-se inferir que a crônica, enquanto literatura, cumpre um papel importante ao trazer para o centro das discussões temas de tamanha relevância social, ao retratar histórias sobre a vida das crianças em situação de vulnerabilidade, maus tratos, abandono e violências

de qualquer natureza, fortalece a luta pelos direitos de uma infância protegida, dando voz a quem não tem condições nenhuma de se defender, pois os responsáveis que deveriam defendê-las, muitas vezes são os seus maiores agressores.

Nesse sentido, buscou-se pensar teoricamente nas causas e consequências da violência contra a criança, observando os sinais de alerta presentes na trama da ficção que conta a história de uma criança que foge de casa. Toda a situação da relação de poder intrafamiliar foi problematizada através da atitude de fuga da criança. Por que a fuga? Não seria a fuga um pedido de socorro? Um sinal de busca de algo que se precisava encontrar?

A criança cujo lar não lhe ofereça um sentimento de segurança, vai procurar proteção e aconchego fora das quatro paredes de sua casa. Ela tem esperança de que alguém possa ajudá-la a encontrar o que está lhe faltando: Segurança, carinho, amor, compreensão. Ela procura estabilidade externa, sem a qual, poderá sofrer danos emocionais e psicológicos irreparáveis para o resto da vida.

Pode-se observar que geralmente os casos mais graves de abusos, acontecem em casa. E por ocorrerem na esfera privada, no ambiente doméstico, dentro das residências, que em muitos casos, ficam impunes, sendo acobertados pelo silêncio, pelo medo e muitas vezes pelo despreparo e incompetência das instituições.

Nesse contexto, para que se promova uma reflexão sobre os fatos cotidianos narrados na crônica de Sabino, fez-se necessário um diálogo entre diversas áreas de conhecimento, como: Direito, literatura, economia, filosofia, sociologia, psicologia, dentre outras, que abordam os problemas sociais, morais, econômicos e políticos.

Assim, com o desenvolvimento da narrativa em diálogos com outros gêneros textuais e com os aportes das teorias científicas, foi possível traçar uma linha reflexiva sobre a temática em questão.

## **2 Quando uma criança diz: - vou embora**

A história “Fuga” retrata situações do dia a dia de uma família comum, que se enquadram em algum tipo de violência contra criança, e que em muitos casos, culturalmente são consideradas como “normais”, enquanto diversas crianças vivenciam uma vida de terror, sendo vítimas de abusos de toda natureza. Alguns abusos são considerados mais “leves”, como a falta de atenção retratada nessa história. E outros, sendo consideradas hediondos e cruéis, como: estupros, espancamentos e assassinatos, constantemente retratados pela mídia.

Em alguns casos os pais estão inseridos no mundo do trabalho capitalista, sendo o tempo despendido a gerar riqueza, na maioria das vezes, incompatível com o tempo necessário para dar atenção, carinho e proteção aos filhos. E em muitas situações, o lar que deveria ser um lugar que oferece segurança, torna-se o menos seguro de todos, transformando-se em um cativeiro que acoberta a prática de um ciclo de violência contra os menores.

No enredo do gênero em questão, vão se apresentando os conflitos que acontecem no cotidiano de uma família, a partir das ações encadeadas para discutir os seus dilemas, tais como: a falta de diálogo entre pais e filhos, a invisibilidade das crianças por parte dos pais ou responsáveis, a reprodução dos padrões hierárquicos tradicionais que vão sendo estabelecidos na relação de poder entre os membros da família.

Fernando Sabino, já inicia a crônica “Fuga” desafiando a imaginação do leitor pelo título, que pode ser conduzido a inúmeras inferências, como por exemplo, pensar logo em um cenário de ação: com correrias, tropeços, derrubando bancas de feirantes, um frenesi, um alvoroço de acontecimentos encadeados e simultâneos. Pode-se pensar em um carro de polícia em perseguição a assaltantes que acabaram de roubar um banco. Enfim, pode-se imaginar muitas situações, mas como é de se esperar de uma crônica... Surpresa! A história se passa em um espaço inesperado, porém não tão tranquilo.

Zilberman (2001, p. 118) traz esse movimento da relação leitor/texto quando faz a seguinte afirmação: “o tecido literário é fino e delicado, mas não maciço: contém orifícios, mimetizando a porosidade constitutiva do papel, e por essa superfície propensa à absorção do outro penetra o leitor”. Simboliza um relacionamento do leitor com o texto, que traz amor, dor, surpresas, entre outras percepções e emoções.

Logo no início da narrativa, percebe-se que o narrador observador apresenta as condições de produção em que se passa a história. Ele coloca o leitor em um ambiente familiar, mais precisamente, em uma sala. Nessa sala tem objetos e pessoas: o *pai*, sua máquina de escrever - que mal havia acabado de receber uma folha de papel-, uma cadeira - que o *menino* empurra-. A literatura faz esse tipo de mágica, ela suga o leitor para dentro da história e depois leva-o para fora em questão de segundos, quando se vê está interagindo e inferindo sentido a trama.

Mal o pai colocou o papel na máquina, o menino começou a empurrar uma cadeira pela sala, fazendo um barulho infernal. – Para com esse barulho, meu filho - falou, sem se voltar. Com três anos já sabia reagir como homem ao impacto das grandes injustiças paternas: – não estava fazendo barulho, estava

só empurrando uma cadeira – Pois então para de empurrar a cadeira –Eu vou embora - foi a resposta (SABINO,1995, p. 43).

Com isso, ele busca uma aproximação com o leitor, chamando sua atenção para as ações que os personagens praticam no decorrer da narrativa, como este trecho que o pai fala: “– *Para com esse barulho, meu filho - falou, sem se voltar*”. Seu objetivo não é conduzi-lo por meio de seu ponto de vista, e sim chamar a atenção do leitor para o que está acontecendo. O que significar dizer: *-falou, sem se voltar*, em um relacionamento essa atitude pode significar o que? Indiferença? Descaso?

A família brasileira vem passando por muitas mudanças neste século. Portanto é importante tirar um tempo para refletir sobre como elas ocorreram, e como lidar com cada uma delas. O que mudou? Será que as mudanças ocorridas afetam os relacionamentos intrafamiliares?

Ao se pensar como a estrutura familiar se modifica segundo contextos sociais, culturais e históricos, podemos pontuar: a emancipação feminina; o aumento do grau de escolaridade das mulheres; a entrada delas para no mercado de trabalho; a queda do número de filhos; os homens em casa cuidando dos filhos. Pode-se inferir que a partir dessas novas configurações que tem causado alterações no relacionamento familiar, será que essas mudanças provocam a intolerância machista, e conseqüentemente, o aumento da violência doméstica?

E quando se vê notícias de o quanto a violência contra as crianças vem aumentando, e isso não é ficção, são fatos reais que acontecem todos os dias com as crianças de todas as idades, gêneros e classes sociais, elas estão sendo agredidas, as famílias estão se perdendo enquanto filhos, mães, pais, enfim, como seres humanos. “*Falou, sem se voltar*”. Pode ser isso? O elo da comunicação foi rompido?

Faz-se necessário que ocorra uma mudança estrutural e de mentalidade da sociedade marcada por uma ideologia patriarcal, pois o problema da violência não é fruto somente de questões vinculadas a falta de solidariedade, do egoísmo, da quebra de valores e da busca desenfreada de bens materiais. Ela se dá principalmente pela falta de humanidade reproduzida e alimentada historicamente pelas desigualdades nas relações sociais.

A linguagem em sua forma e conteúdo textualiza-se na formulação de sentido, ou seja, se constituem. Sendo através da discursividade que se estabelece a relação entre linguagem /história /memória. A ficção no texto problematiza situações que questionam o mundo real quando faz esta observação sobre a criança: “Com três anos já sabia reagir como homem ao

impacto das grandes injustiças paternas” (SABINO, 1995, p. 43). Para Orlandi (2007, p. 18) o sentido do discurso tem sua autenticidade na história “O gesto da interpretação se dá porque o espaço simbólico é marcado pela relação com o silêncio. A interpretação é o vestígio do possível. É o lugar próprio da ideologia, e é ‘materializada’ pela história”.

No trecho da crônica “- Com três anos já sabia reagir como homem ao impacto das grandes injustiças paternas”, temos a reação da criança, “reagir *como homem*” = machismo e “*injustiças paternas*” = machismo, o sujeito que observa a reação de defesa do menino reproduz na linha discursiva o mesmo mecanismo ideológico, que é o *orgulho machista – Eu sou homem*. Orlandi (2007, p. 48) explica o processo de posição que o sujeito se inscreve discursivamente “[...] a ideologia não é consciente: ela é efeito da relação do sujeito com a língua e com a história em sua relação necessária para que se signifique. O sujeito, por sua vez é lugar historicamente (interdiscurso) constituído de significação”.

Portanto, para desconstruir ideologias que resultam em práticas abusivas, é preciso que se reconheça as linhas discursivas autoritárias e faça o deslocamento para discursos democráticos, capazes de promover o respeito ao outro, sendo agentes sociais capazes de criar os mecanismo e estratégias de defesa e resistência para a proteção das crianças.

No decorrer da narrativa, o texto requer que o leitor não seja distraído no momento de interpretá-lo, ficando alheio ao que é dito, e ao que não é dito. A linguagem em sua forma e conteúdo textualizam-se na formulação de sentido, ou seja, se constituem. Sendo através da discursividade que se estabelece a relação entre linguagem /história /memória.

As ações vão desenhando as cenas, como em um cenário de filme, se preparando para a encenação dos personagens, tudo preparado, mais um dia de rotina: cuidar do filho pequeno e trabalhar em casa, preparação para exercer o ofício - atividade desenvolvida pelo adulto-, a segunda, uma ação da criança “- o menino começou a empurrar uma cadeira pela sala, fazendo um barulho infernal” (SABINO, 1995, p. 43). O enredo estabelece uma relação de força, uma tensão, que pode ser metaforicamente comparada a brincadeira “um cabo de guerra” que simboliza uma competição de medir forças.

Logo pode-se constatar na fala do narrador, que toda ação tem uma reação, a criança reage ao faltar-lhe a atenção do pai, que se prepara para trabalhar. O pai se sente incomodado e reage a ação do filho que “empurra uma cadeira que faz um barulho infernal” (SABINO, 1995, p. 43). Ao mandar o filho parar com aquele *barulho infernal*, as palavras fazem com que o narrador faça uma observação sobre a maneira como elas foram ditas: “falou sem se voltar”

(SABINO, 1995, p. 43). O que significa quando o sujeito fala de costas viradas para o seu interlocutor (filho).

A criança quer chamar a atenção do pai, e ele - “*falou sem se voltar*”, para que o leitor perceba que a indiferença do pai em relação a criança é para além da falta de diálogo, mostra o descaso e a insensibilidade do pai, demonstrando falta de empatia em relação a ela, ou não ter uma percepção da necessidade que ela quer ser ouvida, mas ao contrário não existe escuta e muito menos diálogo. O que se estabelece é o ato disciplinador, na dominação do outro. Para Foucault (2002) a disciplina não existe senão nos corpos:

O corpo humano entra numa maquinaria de poder que o esquadrinha, o desarticula e o recompõe. Uma “anatomia política”, que é também igualmente uma “mecânica do poder”, está nascendo; ela define como se pode ter domínio sobre o corpo dos outros, não simplesmente para que façam o que se quer, mas para que operem como se quer, com as técnicas, segundo a rapidez e a eficácia que se determina. A disciplina fabrica assim corpos submissos e exercitados, corpos “dóceis” (FOUCAULT, 2002, p. 119).

No decorrer da narrativa, da rotina do pai e do filho no ambiente familiar, fica evidente a falta de uma experiência educativa e interativa que estabeleça um relacionamento mais próximo entre os dois. Isso, considerando as necessidades cognitivas da criança, sendo ela um ser humano em formação, que precisa ser reconhecida e reconhecer-se na convivência com os adultos com quem se relaciona por um tempo. Nesse relacionamento, pressupõe que tenha diálogo.

No contexto familiar, representado na crônica objeto de estudo, quem tem o poder na hierarquia das relações, e quem tem o prazer de aplicar sanções usando o autoritarismo, ao invés da autoridade? Isso acontece a medida em que o pai acredita ser preciso impor a sua vontade sobre a criança, fazendo com que ela se sinta impotente e inferior.

Em momento algum demonstra compreensão, senso de justiça, ou procura estabelecer o diálogo, pelo contrário só aumenta a cada momento a distância entre os dois, provocando uma tensão e problemas, que são atribuídos a uma suposta rebeldia do filho, como se fosse uma maldade inata da criança.

O narrador vai construindo detalhes importantes na trama, evidenciando os papéis dos sujeitos que são constituídos culturalmente, bem como o posicionamento de cada um na representação social que ocupam nas suas histórias de vida. A cada ação que acontece, se estabelece uma tomada de decisão, ou seja, uma reação “Com três anos já sabia reagir como

homem ao impacto das Grandes injustiças paternas” (SABINO, 1995, p. 43). Freire (1997) diz que para combater as injustiças é preciso usar a rebeldia como denúncia.

[...] não é na resignação, mas na rebeldia em face das injustiças que nos afirmamos [...] a rebeldia enquanto denúncia precisa se alongar até uma posição mais radical e crítica, a revolucionária, fundamentalmente anunciadora. A mudança do mundo implica a dialetização entre a denúncia da situação desumanizante e o anúncio de superação, no fundo, o nosso sonho (FREIRE, 1997, p. 87).

Pode-se inferir na fala do narrador, que ele procura desvelar as diferenças sociais entre os personagens. Com isso, ele busca uma aproximação com o leitor, e chama a sua atenção para ter consciência da injustiça que a criança está sofrendo, e assim ter a percepção dos direitos que ela tem, ter empatia e acreditar que ela possa fazer a mudança em sua história e na história de outros para uma vida melhor.

Voltando ao texto, para presenciar um suposto diálogo: voz do pai “– Pois então para de empurrar a cadeira” [...] a voz do filho “–Eu vou embora” [...] observação do narrador “- foi a resposta” (SABINO, 1995, p. 43).

Ele representa uma nova geração que passa a questionar as injustiças sociais e lutar pela valorização dos seus direitos e por justiça. A reação da criança foi dizer a seu pai *-Eu vou embora*.

### **3 A fuga pode ser uma busca por proteção**

A literatura pode trazer a compreensão sobre a vida, como bem dito por Antônio Cândido (2002, p. 85) “Assim, a literatura, ao mostrar, por meio de palavras, o bem e o mal, humaniza em sentido profundo, porque faz viver”.

As indagações estão presentes no mundo infantil, elas fazem parte da infância, possibilitam as mais variadas ações lúdicas, entre elas o reconhecimento do mundo à sua volta por intermédio de sentimentos e emoções, sendo ambos favorecidos pelos sentidos na percepção dos ambientes, nos quais convivem.

Na literatura infantil, esse jogo de descobertas se amplia, tornando-se ainda mais importante, pois, no ato da leitura, a criança é levada a descobrir que pode imaginar novos mundos com a ajuda da fantasia oferecida pela ludicidade. Essa imagem do pai distraído, e a criança arrumando sua bagagem para ir embora traz uma simbologia muito forte da representação da fantasia da criança. Vejamos na crônica:

Distraído, o pai não reparou que ele juntava ação às palavras, no ato de juntar do chão suas coisinhas, enrolando-as num pedaço de pano. Era a sua bagagem: um caminhão de plástico com apenas três rodas, um resto de biscoito, uma chave (onde diabo meteram a chave da despensa? - a mãe mais tarde irá dizer), metade de uma tesourinha enferrujada, sua única arma para Grande aventura, um botão amarrado num barbante (SABINO, 1995, p. 43).

Cada palavra, cada objeto, carrega uma carga simbólica, porém as palavras e os objetos não dizem tudo. A cena: o pai distraído, e a criança arrumando sua bagagem “um caminhão de plástico com apenas três rodas; um resto de biscoito; uma chave; metade de uma tesourinha enferrujada; um botão amarrado com barbante” (SABINO, 1995, p. 43). Será que ele sente que sua vida está como os seus objetos, faltando pedaços importantes? Precisando de cuidados? Será que escolheu os objetos por observar a sua mãe quando saí para trabalhar? Ela leva o carro, a chave, leva um lanche. O botão amarrado poderia ser um animalzinho de estimação, a tesoura uma arma para se defender. Esse é o universo simbólico da criança.

Seguindo a narrativa da crônica: “A calma que baixou então na sala era vagamente inquietante. De repente, o pai olhou ao redor e não viu o menino. Deu com a porta da rua aberta, correu até o portão” (SABINO, 1995, p. 43). De volta à sala, agora sem a presença do menino, sobre “a calma vagamente inquietante na sala”. O cronista imprime primorosamente na ficção os problemas vivenciados pelas famílias agora chamadas de contemporâneas ou pós-modernas, mas para além dessas categorias, faz-se necessário entendê-la enquanto processo cultural/histórico/social.

Nesse contexto convivem: o pai que trabalha em casa e a mãe que provavelmente trabalha fora, e um filho. “De repente, o pai olhou ao redor e não viu o menino”, o *pai*, o *menino*, sem um nome para identificá-los, os coloca em um lugar comum, representa quem se identificar com a história dessa família.

Viu um menino saindo desta casa? - gritou para o operário que descansava diante da obra do outro lado da rua, sentado no meio-fio. – Saiu agora mesmo com uma trouxinha - informou ele. Correu até a esquina e teve tempo de vê-lo ao longe, caminhando cabisbaixo ao longo do muro. A trouxa, arrastada no chão, ia deixando pelo caminho alguns de seus pertences: o botão, o pedaço de biscoito e - saíra de casa prevenido - uma moeda de 1 cruzeiro (SABINO, 1995, p. 43).

Ao ler esse trecho da narrativa “teve tempo de vê-lo ao longe, caminhando cabisbaixo ao longo do muro. A trouxa, arrastada no chão, ia deixando pelo caminho alguns de seus pertences: o botão, o pedaço de biscoito e - saíra de casa prevenido - uma moeda de 1 cruzeiro”,

é possível encontrar semelhanças de temáticas, como abandono, a negligência familiar, assim como, outros discursos em outras histórias infantis.

No conto dos Irmãos Grimm, *João e Maria*, os personagens são abandonados na floresta, se perdem, e procuram o caminho de volta para casa. A semelhança presente no interdiscurso, é que ao marcarem o caminho de volta para casa, eles demonstraram claramente que não queriam ficar fora de seu lar, sua família, apesar da miséria, da fome, eles querem ficar em casa.

[...] Amanhã, daremos um pedaço de pão a João e Maria. Depois, vamos deixá-los na floresta, eles ficarão bem! O plano era cruel, mas o lenhador acabou sendo convencido. Porém, João e Maria estavam no quarto ao lado e ouviram tudo. Maria chorou baixinho de desespero. João disse a ela: — não se preocupe! Vou pegar umas pedras para marcar o caminho de volta! E João pôs a sua ideia em execução, soltando as pedrinhas [...] Mas as pedras se acabaram e João passou a jogar farelos de pão[...] Eles procuraram pela trilha de farelos de pão para voltar para casa. Mas não a encontraram, pois certamente os pássaros haviam comido as migalhas de pão e apagado a trilha. — e agora? - Disse Maria, desesperada. — Como é que vamos voltar? (GRIMM, 2020, p. 1 e 4).

As histórias dialogam sobre a temática do abandono das crianças que estão em situações de vulnerabilidade, fora da segurança dos pais, do lar, correndo riscos de vida. Os autores da crônica e do conto buscou revelar a carência das crianças. Nesse contexto, o conto dos Irmãos Grimm pode dialogar com leitores da contemporaneidade, Orlandi (2007) diz que “Para compreender, o leitor deve se relacionar com diferentes processos de significação que acontece no texto”. Considerando a história do sentido, que tem a ver com a história do sujeito, sendo elas atemporais, sempre voltando ao que já foi dito, capaz de levar o leitor a refletir no contexto no qual ele está inserido, em um dado momento. Voltemos a crônica objeto de análise:

Me larga. Eu quero ir embora. Trouxe-o para casa e o largou novamente na sala - tendo antes o cuidado de fechar a porta da rua e retirar a chave, como ele fizera com a da despensa. — Fique aí quietinho, está ouvindo? Papai está trabalhando. —Fico, mas vou empurrar esta cadeira. E o barulho recomeçou (SABINO, 1995, p. 43).

Pode-se entender que a história volta para a rotina da família, como no início, nada mudou, tudo volta ao “normal” já que o personagem fora punido pela sua ousadia e desobediência. Para o pai ele representa apenas uma criança teimosa que vai aprender a obedecer com o tempo, aprender a ser resignado a sua inferioridade frente a autoridade de um pai.

Entretanto, muitas atitudes não são reveladas verbalmente, carecendo da participação efetiva do leitor para a solução e interpretação desses conflitos, e é justamente nesse ponto que reside o efeito catártico despertado pelo texto, que é envolver o leitor em seu contexto, somado a experiência de vida e seus conhecimentos prévios.

A crônica desvela muito mais do que o que está na superfície dos sentidos, ela demonstra a visão emancipadora da criança, sendo que este é o ponto chave da história de um menino que representa as lutas de muitas crianças que lutam sozinhas, mas não se dão por vencidas.

Esse é o tipo de história que deixa os espaços vazios para serem preenchidos pelo leitor, espaços estes que estão repletos de sentidos, para serem ressignificados com os conhecimentos e experiência de vida de cada um. Será que essa história termina com o ponto final? A criança que saiu, voltou para casa sendo a mesma criança? O pai diz: “– Fique aí quietinho, está ouvindo? Papai está trabalhando. – Fico, mas vou empurrar esta cadeira. E o barulho recomeçou” (SABINO, 1995, p. 43).

Para ressignificar a história real de violência contra as crianças, que acontece todos os dias, e realmente fazer a diferença, é preciso uma movimentação da sociedade, que deve ser incentivada a denunciar, para que esses casos fiquem apenas na ficção, e as histórias de vida das crianças possam ganhar novos sentidos e possibilidades de uma infância com segurança.

#### **4 Considerações Finais**

Os resultados deste estudo poderão mobilizar reflexões por parte dos leitores, profissionais das mais diferentes áreas: Educação, Saúde, Conselheiros Tutelares, Assistentes sociais, entre outros, quanto mais discussões houver sobre os tipos de atos violentos contra as crianças, maiores serão as chances de combater esse problema tão sério.

Pontua-se que o rompimento da violência contra as crianças não é um processo de fácil resolução. Diante disso, políticas públicas devem ser implantadas a fim de assegurar-lhes todos os cuidados que lhes são de direito, com o intuito de romper com as situações de abusos por elas vivenciadas.

O caminho percorrido pelo cronista para trabalhar a ficção com o objetivo de evidenciar os problemas intrafamiliar atuais, não se trata de conceber um modelo ideal de família, mas sim de enfatizar a capacidade que a mesma tem de exercer a função de proteção e

socialização de suas crianças, para tanto, abriu espaço para reflexões acerca dos dramas e conflitos vivenciados no dia a dia pelas famílias.

Nessa perspectiva, a ficção se assemelha às histórias reais dos filhos, pais e mães, na representação social que cada família ocupa. Logo, é no social que o discurso se realiza e envolve não apenas questões linguísticas, mas também aspectos sociais, históricos e ideológicos representados pela linguagem em um movimento de interação que envolve eu e o outro na dinâmica da vida real.

## 5 Referências

ANGELO, Ivan. Sobre a crônica. **Revista Veja**, São Paulo, 2009. Disponível em <http://vejasp.abril.com.br/materia/sobre-cronica>. Atualizado em 5 dez 2016, 19h44 - Publicado em 18 set 2009, 20h18. Acesso em: 03.12.2020.

BRASIL. Lei Federal n. 8069, de 13 de julho de 1990. ECA \_ Estatuto da Criança e do Adolescente.

CANDIDO, Antônio. **A literatura e a formação do homem**. In: Textos de Intervenção. Seleção, apresentação e notas de Vinicius Dantas. São Paulo: Duas Cidades; Ed. 34, 2002.

FOUCAULT, Michel. Vigiar e punir: História da violência nas prisões. São Paulo: Ática, 2002.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 17. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997.

GRIMM, Jacob, GRIMM, Wilhelm. **João e Maria**. *Clássicos Todolivro*. LÊLivros. Disponível em: [http://servicos.rolandia.pr.gov.br/educacao/wp-content/uploads/aulas\\_online/literatura/Joao-e-Maria.pdf](http://servicos.rolandia.pr.gov.br/educacao/wp-content/uploads/aulas_online/literatura/Joao-e-Maria.pdf). Acesso em 25 set 2020.

ORLANDI, Eni Pulcinelli. **Interpretação; autoria, leitura e efeitos dos trabalhos simbólicos**. 5ª Ed. Campinas SP. Ponte Editores, 2007.

SABINO, Fernando. **A vitória da infância**. São Paulo, Ática, 1995.

ZILBERMAN, Regina. **Fim do livro, fim dos leitores?** São Paulo: editora SENAC, 2001.